

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

GÊNERO E OPRESSÃO PATRIARCAL: UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE MARIA LÍDIA MAGLIANI A PARTIR DAS TEORIAS FEMINISTAS INTERSECCIONAIS

Mikaella Nascimento Silva¹, Marcela Loureiro Alves (orientadora)²

¹ Discente do 2º ano do curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio, IFSP, campus Suzano, Bolsista CNPq na modalidade Iniciação Científica Júnior (bolsa concedida pela FECCIF 23), nsilvamikaella@gmail.com

² Docente EBTT na área de Sociologia, IFSP, campus Suzano, marcela.loureiro@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.00.00.00-0 Ciências Humanas

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir das obras da artista Maria Lídia Magliani, as opressões cruzadas e enraizadas que resistem, por séculos, em flagelar o sexo e o gênero feminino, tornando necessária a análise histórica e social dessas relações coercitivas. As pinturas da artista, objetos de análise deste trabalho, auxiliam na compreensão do desenvolvimento e relação que as coerções sociais patriarcais possuem no contexto feminino brasileiro. Analisando as relações de gênero, observamos uma clara coercitividade patriarcal sobre as pessoas que realizam a performance feminina, indo da mais incisiva, como a submissão e violência patriarcal, até as mais ardilosas, como o padrão de beleza inalcançável que suprimem a liberdade feminina. Utilizando conceitos sociológicos, concluímos que essas opressões não são inatas ao ser humano, mas que correspondem a certas construções sociais de comportamento e relações de poder que devem ser estudadas a fim de serem superadas. Dessa forma, o trabalho visa analisar as obras de Magliani com o objetivo de entender, a partir de uma perspectiva feminista interseccional, os mecanismos de opressão do patriarcado, como o controle sexual e o belo idealizado que resultam no autoflagelo feminino, e do racismo, ao mesmo tempo que tem objetivo de evidenciar uma artista brasileira invisibilizada.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Lídia Magliani; feminismo; interseccionalidade; padrão de beleza; racismo; patriarcado.

GENDER AND PATRIARCHAL OPPRESSION: AN ANALYSIS OF THE WORKS OF MARIA LÍDIA MAGLIANI FROM INTERSECTIONAL FEMINIST THEORIES

ABSTRACT: The present work aims to analyze, based on the works of the artist Maria Lídia Magliani, the intersecting and deep-rooted oppressions that have resisted, for centuries, in plaguing sex and the female gender, making historical and social analysis of these coercive relation necessary. The artist's paintings, the objects of analysis in this work, help to understand the development and relation that patriarchal social coercions have in the Brazilian female context. Analyzing gender relations, we observe a clear coercion on individuals who perform feminine performance, ranging from the most incisive, such as submission and patriarchal violence, to the most cunning, such as the unattainable standard of beauty. Using sociological concepts, we conclude that these oppressions are not innate to human beings, but that they correspond to social constructions that must be studied in order to be overcome. Thus, the work aims to analyze Magliani's works with the aim of understanding, from an intersectional feminist perspective, the mechanisms of oppression of patriarchy, such as sexual control and idealized beauty that result in female self-harm, and racism, at the same time that it aims to highlight an invisible Brazilian artist.

KEYWORDS: Maria Lídia Magliani; feminism; intersectionality; beauty standard; racism; patriarchy.

INTRODUÇÃO

Maria Lúcia Magliani (1946-2012), em muitas de suas pinturas, retratou corpos femininos semi nus em posições desconfortáveis e/ou com membros ausentes ou substituídos por objetos, dramatizando e expressando de forma neoexpressionista o autoflagelo feminino na busca pelo belo idealizado, e a problemática da hipersexualização do corpo da mulher negra. Analisando os diferentes padrões de beleza socialmente aceitos durante a história, muitas imposições coercitivas caíram sobre as mulheres. Essas imposições, em muitos dos casos, eram nocivas e dolorosas. Portanto, percebe-se que a dor e a performance de gênero feminina andam historicamente lado a lado, já que é completamente inviável possuir e manter o padrão de beleza imposto de forma natural, e que essa relação não está exclusivamente presente na nossa sociedade e época, como retrata Magliani em suas obras que ilustram corpos de mulheres autoflageladas na busca do belo idealizado. Os padrões de beleza, segundo Naomi Wolf (2018) no livro ‘O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres’, correspondem a um sistema propositalmente instável e com rápidas mudanças, o que gera uma busca ao belo incessável e infinita, a fim de manter o domínio masculino. A mais, estas relações opressivas se acentuam no caso de mulheres negras que sofrem, entre outras opressões cruzadas, com a hipersexualização, problemática discutida por Lélia Gonzalez no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984). Analisaremos as opressões expostas nos quadros de Magliani utilizando a perspectiva feminista interseccional que nos mostra a relação entre raça, classe e gênero na análise das opressões produtoras “de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2019, p. 14).

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho se baseou no método de pesquisa artística proposto por Silvio Zamboni no livro “Pesquisa em Arte: Um paralelo entre arte e ciência” (1993) para realizar a sua análise. Para desenvolver a problemática do trabalho e o referencial teórico, foi realizada uma revisão integrativa, que é uma ampla abordagem metodológica de pesquisa que possibilita a análise de conhecimentos não-experimentais, combinando “dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular” (Souza; Silva; Carvalho, 2010). Dessa forma, realizamos uma pesquisa diversa sobre teorias feministas e sociológicas para subsidiar as análises das obras da artista Maria Lúcia Magliani, além de pesquisas sobre a própria artista e sua obra. Para determinar a problemática da pesquisa e o critério de pesquisa, utilizamos como pergunta norteadora/problema o seguinte questionamento: “Quais são as críticas retratadas nas obras de Magliani e como se desenvolveram as opressões patriarcais e racistas que se refletiram no trabalho da artista?”

A partir disso, realizamos o levantamento bibliográfico de livros e artigos de pensadoras feministas que dissertam sobre o padrão de beleza, o controle sobre a sexualidade feminina e a intersecção de raça, classe e gênero e artigos que abordam as obras e a trajetória da artista em questão. A revisão bibliográfica foi realizada utilizando plataformas digitais como o Google Acadêmico e ScieLo e palavras-chaves como “feminismo brasileiro”, “padrão de beleza”, “interseccionalidade” e “Maria Lúcia Magliani”.

Para realizar as análises feministas das obras e localizá-las dentro do contexto social e histórico, utilizou-se a teoria do feminismo interseccional discorrido por Carla Akotirene no livro “Interseccionalidade, feminismos plurais” (2019), do feminismo negro de Lélia Gonzalez no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984) e do padrão de beleza como mecanismo patriarcal discutido por Naomi Wolf no livro “O mito da beleza” (1992).

Após a revisão, as expectativas eram de que seria possível analisar a relação entre as teorias feministas e as obras da artista. Isso pois, a partir do proposto por Zamboni, nos propomos a analisar a relação entre as obras artísticas e seu sistema simbólico que correlaciona-se com seu espaço-temporal, indo além da observação literal. O conjunto de pinturas da artista Maria Lúcia Magliani foi selecionado a partir da sua unidade temática. Assim sendo, foram escolhidas duas obras que relacionam-se e ilustram mulheres negras e fora do padrão de beleza socialmente estabelecido. O presente trabalho se encontra em andamento e outras obras serão selecionadas para abranger um período maior de

produção da artista a fim de observar regularidades e rupturas nas temáticas presentes em sua obra. Com essas informações organizadas, desenvolvemos as discussões das teorias feministas e as relacionamos com as obras de Magliani.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para dar início à exposição dos resultados, apresentamos brevemente os três referenciais teóricos utilizados na análise das obras. A interseccionalidade corresponde à ideia de inseparabilidade da raça, gênero e classe na análise dos cruzamentos de opressões específicas e sobrepostas que afligem as mulheres negras, pois é “difícil separar opressões de raça, classe e sexo porque, nas nossas vidas, elas são quase sempre experimentadas simultaneamente” (Coletivo Combahee River, 2013; apud Akotirene, 2019, p. 18-19). Já o feminismo negro de Gonzalez se refere também às problemáticas geradas pela hipersexualização da mulher negra, oriunda das relações coloniais e racistas, de forma que a “culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade” (Gonzalez, 1984, p. 228). Por sua vez, a teoria de Wolf (1992) expõe o caráter opressivo do padrão de beleza, este que o sistema de relações patriarcais deposita sobre as mulheres. Realizou-se a discussão sobre as obras da artista Magliani a partir desses conceitos principais, relacionando-as com as teorias norteadoras.

Assim sendo, analisou-se as críticas retratadas nas pinturas da Magliani, apontando as opressões patriarcais, racistas e a relação entre a performance do feminino e a dor, e observou-se o desenvolvimento dos mecanismos patriarcais em contraposição ao feminismo e como o capitalismo se relaciona com o padrão de beleza que leva ao sofrimento contínuo de mulheres. Ademais, foi observada a crítica à hipersexualização do corpo da mulher negra nas obras de Magliani. Com uma perspectiva do feminismo interseccional, pode-se relacionar essa opressão às coerções do patriarcado que resultam em um sistema cruzado de controle e opressão que levou a Magliani, afetada por esse sistema, a retratar e expor essas relações.

Em sua trajetória, Magliani transmitiu em cada pincelada e em cada traço de sua arte o amargor e a angústia de se viver como uma mulher negra em uma sociedade capitalista, patriarcal e racista, marcando no mundo um rastro colorido de denúncias acerca de sobreviver em um mundo que mutila e aperta as mulheres para caberem em um corpo irreal. As obras da Magliani produzem questionamentos aos sistemas de opressão existentes em nossa sociedade, trazendo com força a problemática da inferiorização feminina dentro da sociedade patriarcal. Nesse contexto as mulheres são reduzidas a objetos sexuais e, por esse motivo, acabam por buscar incansavelmente se encaixar em um padrão de beleza que se altera constantemente e que foi ditado pela classe dominante a fim de controlar as mulheres (Wolf, 2018).

Ao observar as obras de Magliani, é notável a frequente aparição de figuras femininas amarradas, amordaçadas, com membros faltando ou substituídos por objetos e entre outras representações que promovem inquietação e estranheza no observador. Este, por sua vez, é imediatamente colocado em uma posição alheia à cultura dominante, causando uma profunda reflexão sobre o papel coercitivo exercido pelo sistema de opressão patriarcal, que suprime a liberdade das mulheres. Elas têm seus corpos, comportamentos e sexualidade controlados por um sistema de poderes e valores que as julga inferiores. Esta cultura de objetificação e inferiorização gera, sobretudo, dor e sofrimento ao sexo e gênero feminino, flagelo esse que acompanha historicamente esse grupo social oprimido. Esses aspectos ecoam e marcam as obras da Magliani quando a artista retrata as situações citadas acima, elementos discutidos por Maria Aparecida Lopes (2022, p.32, nosso negrito) quando diz que:

A opressão, a solidão nos centros urbanos e o aviltamento físico e emocional do ser humano foram o centro da vasta produção de Maria Lídia. **Assim a artista destacou figuras retorcidas, deformadas, amarradas e aprisionadas no cotidiano e, mesmo quando tratou da sensualidade, abordou seus signos opressivos e de controle.**

Com isso em mente, analisemos, então, a pintura “Janelas” (1999).



FIGURA 1: Janelas, 1999. Fotografia: Fernando Zago/Studio Z. (Oliveira, 2018, p.50).

Na pintura “Janelas”, é ilustrado um corpo feminino com curvas e volume sentado no que parece ser um parapeito de uma janela. Os tons da pintura passam de um vermelho vivo e saturado para um azul sombrio que beira a escuridão completa. A melancolia que se esconde na escuridão azulada e envolve a mente alijada e atormentada da personagem que colore de vermelho sangue raivoso o pequeno cenário que ela despeja seu corpo exposto para o mundo através de uma janela, uma abertura para o exterior, onde espiam e conspiram imposições e desejos. Em cada forte pincelada, o vermelho sangue, predominante na base na pintura, remete ao flagelo e à dor infligida em um corpo ressentido. As mulheres, presas em uma espiral do sistema de opressão patriarcal, são levadas a utilizar roupas que as apertam. Esta dor e coerção exercida pelo padrão de beleza, mecanismo opressivo patriarcal, é tratado no seguinte trecho: “Os espartilhos não se encaixavam à forma corporal da mulher brasileira, fazendo com que suas cinturas ficassem extremamente apertadas e machucadas [...], o que fazia com que as mulheres fossem submetidas a um intenso e constante desconforto” (Sant’Anna, 2014 apud Monteiro, 2022, p.24). Na pintura, observa-se a personagem vestindo uma meia calça apertada para se aproximar do ideal de corpo fetichista e eurocêntrico imposto sobre as mulheres, grupo esse socialmente condicionado a papéis análogos à objetos submissos e com sexualidade limitada e restrita aos desejos masculinos. Essa relação de inferiorização da mulher é reforçada com a presença do gancho que substitui a cabeça da personagem ilustrada. O arame e a ausência de um rosto desumaniza e descaracteriza a personagem, criando uma alusão à visão social sobre as mulheres que sofrem com a objetificação de seus corpos. Por fim, a posição retraída da personagem e a solidão transmitida pela obra remete ao apagamento e esquecimento que mulheres gordas e fora do padrão de beleza sofrem.

A problemática da redução do corpo de pessoas que performam o gênero feminino a um objeto sexual é retratada por Magliani em uma obra sem título, na qual uma mulher negra arruma seu cabelo e se olha no espelho enquanto cordas presas ao seus pulsos a controlam como uma marionete. Ademais, ela está sobre um prato ao lado de garfo, fazendo alusão à visão patriarcal sobre as mulheres, uma “refeição”, remetendo à objetificação.



FIGURA 2: Obra de 1977, sem título (Nonada, 2021).

As cordas que prendem e controlam a personagem - a qual, por não possuir controle sobre seu próprio corpo, é representada como uma marionete - fazem alusão às opressões e coercitividades sociais que a levam a permanecer em um eterno ciclo de vaidade que não se origina da autoestima ou esmero com ela mesma, mas deriva do papel social de submissão e objetificação colocado sobre as mulheres. Este controle que a sociedade possui sobre o corpo das mulheres se agrava ainda mais devido ao nosso contexto histórico e social brasileiro. Durante a ditadura militar, a visão patriarcal do casamento e das relações entre os gêneros aumentou, resultando na acentuação da opressão de gênero e no controle sexual, culminando na objetificação do corpo feminino que, para a sociedade patriarcal, “prestava, tão somente, para satisfazer o homem a partir do estabelecimento de uma relação sexual que era útil, aproveitável, especialmente, para ele” (Nós Mulheres, 1997, apud Batista; Santos, 2015, página 127). Nota-se essa relação na pintura que ilustra a personagem cuidando da sua aparência apenas para ser “consumida” ou usada, como indica o prato e o garfo que compõem o cenário.

A ausência das pernas da personagem transpassa a sensação de imobilidade, expondo a teia de opressões cruzadas que prendem as mulheres. Por fim, ao observar os diferentes elementos que ferem e controlam a personagem, é possível perceber que essas relações opressivas de submissão caem com mais violência sobre as mulheres negras, pessoas que sofrem com a hipersexualização advinda do racismo, opressão que possui origem da colonização.

Lélia Gonzalez, pensadora e ativista, a respeito da hipersexualização do corpo negro, exemplifica a questão com o que ocorre no carnaval. De repente, o corpo negro passa de servente para o centro das atenções da sociedade, sexualizando e objetificando aquele corpo fantasiado nas apresentações de carnaval. Dessa forma, o único momento que a mulher negra é vista pela sociedade, é em um papel de sexualização, fortificando ainda mais a visão opressiva do patriarcado e racismo que as reduzem a objetos, como é discutido por Gonzalez, que diz:

Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. Estes, por sua vez, tentam fixar sua imagem, estranhamente sedutora, em todos os seus detalhes anatômicos. (1984, p. 228).

Essa imagem hipersexualizada fixa-se na mulher negra em toda a sua vivência, agravando a opressão de gênero e sexual-racial e acentuando as opressões exercidas pelo patriarcado e pelo padrão de beleza.

CONCLUSÕES

Além de visibilizar a artista, a pesquisa sistematiza e correlaciona as teorias feministas com suas pinturas. Concluiu-se que as relações de poder patriarcais discutidas no trabalho e a hipersexualização do corpo negro, originária das relações coloniais e racistas, afetam profundamente as experiências materiais e subjetivas das mulheres. Por fim, analisando as obras da artista a partir do referencial teórico selecionado, evidencia-se a forma como Maria Lídia Magliani trabalhou a problemática da opressão patriarcal e racista sobre as mulheres em suas pinturas, enfatizando as relações de poder na escolha dos temas, mas sobretudo no uso das cores e nas representações figurativas dos corpos.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Mikaella Nascimento Silva realizou o levantamento bibliográfico, pesquisa, leituras, análises e a redação do trabalho. Marcela Loureiro Alves atuou como orientadora do trabalho. Ambas contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado. Agradeço ao CNPq pela bolsa de iniciação científica júnior concedida pelo edital de fomento à Feiras Científicas à FECCIF 23.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade, feminismos plurais**. São Paulo. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BATISTA, Vagner da Silva; SANTOS, Maysa Cristina Magalhães. Sexualidade Feminina: O Condicionamento da Liberdade Sexual da Mulher Casada no Período da Ditadura Militar no Brasil. **Revista do CAAP** 21.1 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caap/article/view/47095/38262>. Acesso em 02 de out. 2024.

CAETANO, Ester. A trajetória de Maria Lídia Magliani, artista pioneira que questionou as imposições ao corpo feminino. **Nonada**, Rio Grande do Sul, nov. 2021. Sessão Memória e patrimônio; Processos artísticos. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2021/11/a-trajetoria-de-maria-lidia-magliani-artista-pioneira-que-questionou-as-imposicoes-ao-corpo-feminino/>. Acesso em: 07, nov 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje** 2.1 (1984): 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4928667/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em 02 de out. de 2024.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. Uma leitura racializada e genericada da arte de Maria Lídia Magliani: . **Revista Crítica Histórica**, [S. l.], v. 13, n. 25, 2023. DOI: 10.28998/rchv13n25.2022.0004. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/13670>. Acesso em: 2 set. 2024.

OLIVEIRA, Luanda Dalmaz de. **Maria Lídia Magliani: uma trajetória possível**. 2018. 110 fls. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História da arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Artes, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189906/001089461.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 02 de out. 2024.

MONTEIRO, Elisa de Souza Feliciano. **A violenta busca feminina pela beleza e juventude: a cirurgia plástica sob o olhar da psicanálise**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/27625>. Acesso em 01 de out. 2024.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZOTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt>. Acesso em 02 de out. de 2024.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro : Rocco, 1992. 439p.

ZAMBONI, Silvio Perini. **Pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hfB3EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Pesquisa+em+arte:+um+paralelo+entre+arte+e+ciência.&ots=K27jG4ULPn&sig=aaD56fUq4gSVFHNGV67E2VSpAM#v=onepage&q=Pesquisa%20em%20arte%3A%20um%20paralelo%20entre%20arte%20e%20ciência.&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2024.